

REDE GLOBO DE TELEVISÃO

NOVELA DAS "8" - (Sem título definido)

Novela de LAURO CESAR MUNIZ

Colaboração de MARCILIO MORAES

Horario: 20:30 horas.

5º CAPITULO

Personagens:

RENATO

LUCIA

CAROLINA

PEDRO

HELENA

JOANA

MARIO

PAULO

BENSON

TELMA

AURELIO

FELINTO

JUNIOR

VERA

ANSELMO

TABACO

ANTONIO

MARLENE

VILLANOVA

ROBERTO

MULATA

NAZARE

4
7
79
21

CENA 01 - SALA APTO DE AURELIO - (INT NOITE)

HELENA desafiando a paz e a tranquilidade do general AURELIO e seu sobrinho FELINTO.

AURELIO - Maura Garcez...Isso foi há muitos anos...há muitos anos...15, 16 anos, quase 17...Por que você está interessada nessa mulher ? Ah! Claro...É fácil entender...Você estava com o Pedro na festa do seu pai...E o Pedro parece que é filho dele...

HELENA - Parece ? (Ri)

AURELIO - Maternidade segura, paternidade sempre duvidosa...

HELENA - (Ri) Que absurdo...Você acha, tio que o Pedro pode não ser filho do meu pai ? Olha pra cara dele !

FELINTO - Eu não acho o Pedro parecido com o seu pai...

HELENA - Até isso vocês põem em dúvida ? Claro que ele é filho do meu pai ! O meu pai foi apaixonado "de pedra" pela Maura...Isso voce não lembra, não é tio Aurelio ?

AURELIO - Claro que eu me lembro de todo o escandalo que houve na época...Seu pai ficou hipnotizado por aquela moça...Isso foi em...60...61...Quantos anos tem o Pedro ? Ele nasceu em 62...E...Foi por essa época...Mas eu conheci a moça bem - depois...em mil novecentos e setenta...

HELENA - E o que o senhor tem a me dizer sobre ela ?

AURELIO - Seu avô te disse que eu tenho coisas a lhe dizer sobre ela...? Pois o seu avô indicou a pessoa mais certa para falar sobre essa moça... Felinto, peça pra empregada...eu sempre me esqueço o nome da empregada...Peça pra ela trazer um café.

FELINTO - A empregada está dormindo, tio.

AURELIO - Acorde ela ! Eu pago a empregada pra me atender a hora que eu preciso !

FELINTO vai em direção à cozinha.

AURELIO - O que você sabe dela, assim eu posso ir mais direto no assunto.

HELENA - Eu sei que o meu pai foi apaixonado por ela e que ela engravidou...

AURELIO - Foi uma forma de prender seu pai. Ela era de família muito modesta e seu pai já tinha status...

HELENA - Eu sei que o meu avô queria que ela tirasse o filho e a mãe dela, dona Joana, segurou as pontas...O Pedro nasceu graças à dona Joana.

AURELIO - Infelizmente.

HELENA - Por que infelizmente ?

AURELIO - Não tenho nada contra o rapaz, nasceu é criatura de Deus...Mas aquela mulher, dona Joana! Ah ! Não é flor que se cheire...

HELENA - Por que não ?

AURELIO - Você sabia que ela é neta de um anarquista que tentou matar o Rei da Espanha ?

HELENA - (Ri) Acho isso divertido...

AURELIO - Divertido por que é uma coisa distante no tempo...Ocorre, no entanto, que a velha tem as mesmas ideias que o avô...e passou as mesmas ideias pra filha...essa...essa Maura Garcez que me deu tanto trabalho.

HELENA - Por que ela te deu trabalho, tio ?

AURELIO - O bom senso do seu avô não deixou que o seu pai se casasse com a Maura...E então, pra desafiar o seu avô, pra desafiar ao seu pai, a Maura teve aquele filho...QUE O SEU PAI SABIA-

~~MENTE NÃO RECONHECEU, NÃO REGISTROU !~~

~~HELENA - Por que ela te deu trabalho ?~~

AURELIO - Eu chego lá...eu chego lá...

FELINTO volta.

FELINTO - Acordei a mulher, mandei passar um café...

CENA 02 - SUITE DE RENATO - (INT NOITE)

RENATO lendo . CAROLINA entra.

CAROLINA - Renato...A Helena não está em casa...

RENATO - Ela saiu ? Já é tarde...

RENATO ergue-se

CAROLINA - O carro dela não está na garagem...

Os dois saem do quarto.

CENA 03 - CORREDOR DOS QUARTOS - (INT NOITE)

RENATO e CAROLINA atravessam o corredor. Não há pressa, urgência. Apenas preocupação.

CENA 04 - SALA DE RENATO - CAROLINA - (INT NOITE)

RENATO e CAROLINA descem a escada.

CAROLINA - Tio Aurelio !

RENATO - Você acha que...

CAROLINA - O seu pai sugeriu que...

RENATO - Liga pra lá !

CAROLINA chega em baixo e disca o telefone.

CAROLINA - Alô...Felinto ? É Carolina...A Helena está aí?

(Olha para RENATO) Está lá...

CORTE PRECISO

CENA 05 - SALA DA APTO DE AURELIO - (INT NOITE)

FELINTO ao telefone. AURELIO e HELENA atentos.

FELINTO - Fica sossegada , tia...Eu mando ela de volta..

Tchau...(Desliga) Estão preocupados com voce.

HELENA - Não estão mais...

AURELIO volta ao tom:

AURELIO - Seu pai se casou com Carolina em 63 e você nasceu em 64...é isso ?

HELENA - Nasci em 64, isso mesmo...

AURELIO - Durante alguns anos a Joana e a Maura não perturbaram o seu pai...O menino cresceu longe dele, acho que ele nem viu o garoto crescer.

Mas por volta de 1970...e essa fotografia é mais ou menos, dessa época...por volta de setenta...

- HELENA - ...o Pedro tinha oito anos...
- AURELIO - A Joana fez uma chantagem com o seu pai.
- HELENA - Chantagem ? (Estranha a palavra)
- AURELIO - Naquela ocasião eu era major...e ela sabia disso...Pois ela procurou o seu pai com o menino e exigiu que ele tomasse uma providencia pra libertar a filha...essa Maura...que havia sido presa por subversão !

Um tempo com HELENA, sem grande surpresa.

- AURELIO - O seu pai se comoveu com o garoto e me pediu pra interferir, pra livrar a moça da cadeia.
- HELENA - Que ela participou da luta armada, eu já sabia...
- AURELIO - Luta armada, terrorismo urbano, guerrilha... Uma bandida...
- HELENA - (Põe em dúvida a palavra) Bandida...?
- AURELIO - Você sabe que ela participou da luta armada, mas não sabe como...Não sabe o PIOR !
- HELENA - O que foi ?
- AURELIO - Graças ao pretigio da nossa família...(faz um parenteses)...voce sabe que a nossa familia tem muito prestigio...Graças ao nosso préstigio, eu consegui junto a um General que a prisão da moça fosse relaxada...Com a condição de dar um sumisso nela...E então seu pai conseguiu fazer ela sair do país através da fronteira com o Paraguay...Do Paraguay ela foi para a Europa...e foi aí que eu levei a pior...
- HELENA - Por que ?

- AURELIO - Essa é a parte da estória que não te contaram.

~~Um tempo de suspense que AURELIO provoca.~~

- ~~AURELIO - Me entregaram a moça em confiança, e depois a investigação concluiu que ela havia participado de um assalto onde houve um crime de morte !~~

HELENA - (Ligeiramente perturbada) Um crime...?

AURELIO - Isso prejudicou a minha carreira, naturalmente
Por querer ajudar seu pai...eu acabei liber-
tando uma...criminosa.

HELENA ergue-se. Caminha pela sala.

FELINTO - E sempre assim...a gente quer ajudar e se fer-
ra...

AURELIO - Isso não contaram pra voce, não é mesmo ?

HELENA - Não...Não contaram...

HELENA rapidamente toma a direção da porta.

FELINTO - Onde voce vai ?

A empregada entra com café.

HELENA - Tchau !

FELINTO - Toma o café !

HELENA nem responde e sai. AURELIO olha para FELINTO com um "ar" de sábio.

CENA 06 - DIANTE DO APTO DE AURELIO - (EXT NOITE)

HELENA mantém-se um instante pensativa, depois de entrar no carro. Depois dá a
partida e arranca.

CENA 07 - SALA DA CASA DE TELMA - (INT NOITE)

TELMA tem diante de si uma EMPREGADA:

TELMA - Pode ir dormir. Eu estou bem.

EMPREGADA faz leve movimento e vai saindo.

TELMA - Preparou o quarto do Junior ?

EMPREGADA - Sim senhora.

TELMA - Ele ainda está na biblioteca ?

EMPREGADA - Está sim senhora.

TELMA - Pode ir, obrigada.

EMPREGADA sai. TELMA caminha pela sala, volta a aproximar-se da biblioteca. He-
sita, depois entra:

CENA 08 - BIBLIOTECA - (INT NOITE)

TELMA entra muito de mansinho. JUNIOR está quase deitado na poltrona, numa posi-
ção incômoda. Pernas esticadas, tronco curvado num dos braços, olhos perdidos num
ponto do espaço. Parece que não vê TELMA que se aproxima, TELMA dá a volta perto
dele, e toca-lhe levemente o ombro.

JUNIOR - Tire a mão de mim...

Um tempo. TELMA não sabe como agir no primeiro momento. Depois: 05 / 06

TELMA - Converse comigo...

JUNIOR - Não tenho nada pra falar com voce...Vou falar com o delegado, amanhã.

TELMA - Eu acho que você está me julgando errado...

JUNIOR - Eu não estou julgando...

TELMA - Meu filho...olhe pra mim...Você não me olha...

JUNIOR não a olha, ainda

TELMA - Junior...

TELMA coloca-se diante dele, de joelhos, para que ele a veja.

TELMA - Agora somos só nós dois...Nós temos que nos unir...

JUNIOR - Você não está sozinha...

TELMA - Eu tenho voce...

JUNIOR - Não...Voce tem outra pessoa...

Reação de TELMA !

TELMA - Você está enganado, Junior, eu só tenho voce.

JUNIOR - Eu não tenho voce...

Um tempo e ela arrisca. Toca-o mais uma vez nas mãos.

TELMA - Você precisa descansar...

JUNIOR - Vai voce..., eu vou ficar aqui.

TELMA - Você viajou a noite toda..., não deve ter dormido...Está precisando de uma cama...Amanhã você vai se sentir melhor. Vem...

JUNIOR - Vai voce...

TELMA - Não comeu nada...

JUNIOR - Não quero...

TELMA - O que eu posso fazer por voce ?

JUNIOR - Sair daqui...e me deixar em paz.

TELMA ergue-se. Caminha até a porta.

TELMA - Se precisar de mim , me chame...

TELMA abre a porta para sair. Vai sair, chega a pisar fora.

JUNIOR - Telma...

TELMA volta.

JUNIOR - Eu não vou voltar pra Inglaterra...

Reação de TELMA (que faz grande esforço para se conter). Por isso ela não espera-

va.

TELMA - ...e seus estudos...?

JUNIOR - Vou ficar aqui.

TELMA - Você está cansado, depois voce vai ver as coisas...diferente.

JUNIOR - Não tenho mais o que fazer na Inglaterra...

TELMA sai.

CENA 09 - SALA DA CASA DE TELMA - (INT NOITE)

TELMA muito perturbada com a decisão de JUNIOR ficar.

CENA 10 - SALA APTO DE JOANA - PEDRO - (INT NOITE)

Abre em JOANA, exasperada. HELENA diante dela. PEDRO, ao fundo.

JOANA - Mentira ! Mentira ! Infamia dos diabos !

HELENA - Eu tinha certeza...

JOANA - Isso é o que eles alegaram ! Mas é mentira !
Mentira infamante !

PEDRO - Ela não participou de nenhum assalto ! Aí é
que está...

HELENA - Eu precisava ouvir vocês...Me desculpem se eu
vim aqui a essa hora, mas...

JOANA - Fez bem, fez muito bem de vir...Minha filha
fez guerrilha, minha minha participou da luta
armada ! Isso eu não nego, eu mesmo te falei !
Mas dizer que ela matou alguém em assalto de
banco, isso é mentira !

PEDRO - Ela foi julgada e condenada como tendo parti-
cipado de ^{um} assalto onde houve uma morte...Mas
ela nega isso ! Ela nega isso, e ninguém tem
provas contra ela...

JOANA - Não têm provas, mas condenaram...E baniram ela
do Brasil...Baniram, exilaram !

HELENA - Mas agora ela pode voltar...

JOANA - Pode voltar graças à ANISTIA ! Ah como eu lu-
tei por essa ANISTIA !!! Agora ela pode vol-
tar...mas...não volta...

PEDRO - Desde 82, com a lei da anistia, que a vó tá
quarendo que ela volte...mas a gente não tem

PEDRO - grana pra sustentar o tratamento dela , aqui. Seria preciso que o pai concordasse em pagar o tratamento aqui...Mas ele diz que se ela voltar, não dá um tostão...

JOANA - E o tratamento é muito caro...Na Itália é coisa de mais de mil dólares. Nós não temos recursos...

Um tempo. HELENA parece mais calma.

HELENA - Foi bom eu vir aqui...Foi bom eu vir até aqui tirar essa dúvida...

Camera fecha em HELENA.

CENA 11 - SALA APTO DE VILLANOVA - (INT NOITE)

ROBERTO entra, de pijama, conduzindo com dificuldades sua cadeira de rodas. Há luz no gabinete , ao fundo.

ROBERTO - (Estranha) Pai...

ROBERTO se conduz com dificuldade até o GABINETE. Lá está VILLANOVA analisando papeis.

ROBERTO - Pai...

Quando ROBERTO entra VILLANOVA (que está de robe de chambre) cobre disfarçadamente os papeis.

VILLANOVA - Meu filho...

VILLANOVA instintivamente levanta-se.

VILLANOVA - Você conseguiu sair da cama, sozinho...?

ROBERTO - Quando eu quero, eu consigo. O que você está fazendo aqui, a essa hora ?

VILLANOVA - Nada, não...Eu perdi o sono e então...Resolvi pôr o trabalho em dia...

ROBERTO - (Não aceita explicação) O que tá te preocupando, papai ?

VILLANOVA - Nada, não...Nada importante...

VILLANOVA começa a guardar os papeis.

ROBERTO - Que documentos são esses ?

VILLANOVA - São provas de um processo...Coisa de rotina. Acho que está na hora de descansar...

ROBERTO - Você anda muito estranho, pai...

VILLANOVA - Você não deve se preocupar comigo...Vamos pro quarto...Quer tomar alguma coisa ? Um chá ? Um leite quente ?

ROBERTO - Não, eu não quero nada...

VILLANOVA sai levando o filho. Atravessam a sala.

CENA 12 - EXTERIOR DA CASA DE RENATO - CAROLINA - (EXT NOITE)

HELENA entra com seu carro, apaga os faróis. Há um segurança que cumprimenta-a, cuida do portão.

HELENA - Boa noite...

HELENA entra na:

CENA 13 - SALA DA CASA DE RENATO - CAROLINA - (INT NOITE)

HELENA entra. CAROLINA a esperava na sala, sentada, lendo revista.

CAROLINA - Helena...

HELENA olha admirada para a mãe.

CAROLINA - Ta satisfeita agora ?

HELENA - ...satisfeita...?

CAROLINA - Com as explicações do seu tio.

HELENA - Meu tio disse uma coisa, a Joana desmentiu...

HELENA toma a escada. CAROLINA atras.

HELENA - Ela não participou de nenhum assalto em que houve morte...

CAROLINA - Isso é o que ela diz !

HELENA - Eu acredito nela,

CAROLINA - Você acredita mais nela, do que no seu tio?

Estão no topo da escada. Tomam a direção do:

CENA 14 - CORREDOR - (INT NOITE)

CAROLINA atras de HELENA:

HELENA - O importante, mãe, é que a Maura volte ao Brasil pra esclarecer isso tudo, pessoalmente.
Boa noite...

~~HELENA vai entrar em seu quarto. RENATO surge na porta do seu.~~

~~RENATO - Helena...Vem cá...~~

CAROLINA admirada.

HELENA - Até que enfim voce dá um tempo pra mim...

HELENA olha admirada para o pai.

CENA 15 - SUITE DE RENATO - (INT NOITE)

HELENA entra na suite do pai. RENATO olha para CAROLINA que ficou na porta - CORREDOR - e faz um sinal que quer ficar só com a filha. Fecha a porta. RENATO usa um pijama. Livro ficou na cabeceira, cama já mexida. Ele estava deitado.

HELENA - Fazia tempo que eu não entrava neste quarto.

HELENA cheia de ironia.

RENATO - Não entra por que não quer.

HELENA - Eu até me esqueço que existe este quarto , na casa...

Um tempo. HELENA encara ao pai.

HELENA - Isso prova como nós dois estamos distantes, papai.

RENATO - (Sempre frio) Não é tanto assim.

HELENA - Faz dias que eu estou tentando falar com voce.

RENATO senta-se numa cadeira.

RENATO - Eu acho que voce ouviu o seu tio Aurelio.

HELENA - Ouvi tambem a Joana. Um diz uma coisa, outro diz outra coisa...Mas eu não estou em dúvida. Mesmo que a Maura tivesse participado de um assalto...Ela estava lutando por uma causa...

RENATO - Houve uma morte neste assalto.

HELENA - Não houve nem morte, nem assalto...Mas não é isso que eu quero conversar com voce...

Um tempo.

HELENA - Que medo você tem da Maura, papai ?

RENATO - Medo, eu ? Medo da...dela?...Que absurdo...

HELENA - Por que então voce não financia o tratamento dela, aqui, no Rio ?

RENATO - As clinicas de psiquiatria italianas são as melhores do mundo. Eu estou dando à ela (*) o que há de melhor...

(*) Não diz o nome da Maura.

HELENA - Ela já está melhor...Você sabia disso ?

RENATO - Claro que eu sei. Eu recebo relatorios da clínica.

- HELENA - Ela poderia continuar o tratamento aqui.
- RENATO - Poderia haver uma recaída...
- HELENA - Não é pelo bem dela que voce mantém a Maura na Itália...Você mantém ela na Italia, porque tem medo dela...Tem medo do que ela significa pra voce...
- RENATO - Isso é ridículo.
- HELENA - Tem medo que ela balance as suas estruturas...
- RENATO - (Tenta rir) Você está falando uma bobagem...

HELENA toma na bolsa a foto de MAURA.

- HELENA - Vou deixar essa foto com voce...
- RENATO - Pra que ?
- HELENA - Pra voce olhar bem pra ela...e meditar...

HELENA coloca a foto de MAURA sobre a mesa de cabeceira de RENATO.

- RENATO - Tire isso daí...
- HELENA - Encare ela, pai...Encare os olhos dela...sem medo...sem censura...sem condenação...Ela é uma pessoa fragil...doente...que sofreu muito, que está longe da família...longe do filho... E QUE PRECISA DE VOCE...

Uma pausa breve.

HELENA - Amanhã a gente volta a conversar...

HELENA sai do quarto. RENATO se mantém sentado, pensativo. Depois olha na direção da foto que ficou sobre a mesinha de cabeceira, junto à cama dele. Levanta-se e vai para a cama. Não toca na foto. Deita-se. Depois, por um instante olha para a foto. Evita. Depois toma a foto nas mãos e, por ALGUNS SEGUNDOS APENAS parece aflorar o lado humano de RENATO. Um "diálogo" surdo entre RENATO e MAURA que está na foto. Depois, num repente, ele abre a gaveta e joga a foto na gaveta. Fecha-a e apaga a luz.

CENA 16 - BAR - (INT NOITE)

~~LUCIA foi sozinha ao bar. Um hábito que adquiriu com Armando e que quer manter.~~
~~Conhece as pessoas do bar. O piano ao fundo. O bar está vazio. Poucos frequentadores.~~ Ela bebe seu uisque. É claro que o Bar-man estranha, ela é uma Juiza. Mas antes de ser juiza é uma pessoa humana. Ela está próxima do piano, chama ao BAR-MAN:
 LUCIA - Por favor...

BAR-MAN - Pois não...

LUCIA - A minha notinha...

BAR-MAN - Sim senhora...

BAR-MAN (OU MAITRE) vai providenciar a notinha. Camera fechando em LUCIA que está envolvida pelo som do piano, gostoso.

LUCIA - (OFF) Fui ao bar sozinha...Com um pouco de medo, mas eu fui...Eu sentí que as pessoas estavam me olhando como se condenassem...Uma mulher sozinha, num bar ? Será que levou um fora ? O namorado combinou e não apareceu ? Não é facil ir a um bar sozinha...Ainda mais que eu sou uma juíza, algumas pessoas do bar sabem disso...

LUCIA paga e levanta-se, tomando a direção da porta. Todos muito cordiais com ela.

LUCIA(OFF) - Uma juíza não pode fazer determinadas coisas ? E onde fica a minha liberdade , a minha independencia ? Antes de ser uma juíza, antes de ser mulher...eu sou gente...E eu tenho direito de fazer tudo aquilo que tenho vontade de fazer...Por que não ?

CENA 17 - DIANTE DO BAR - (EXT. NOITE)

LUCIA da gorgeta ao porteiro, toma a chave de seu carro, entra e parte. Sobre essa imagem:

LUCIA - (OFF) Gosto do piano do Nivaldo...Ele toca muito bem...Gosto do uísque, do ambiente... Não foi fácil ir ao bar sozinha, mas eu fui e...e vou voltar sempre...Você acha que eu fiz mal ?

CORTE PRECISO PARA:

CENA 18 - GABINETE DO TRIBUNAL - (INT. DIA)

LUCIA estava falando com VILLANOVA. Cada qual em sua mesa.

VILLANOVA - Não...Claro que voce não fez mal...Teve vontade de ir ao bar, foi...

LUCIA - Pra ir até lá sozinha, eu tive que me armar.

LUCIA - de muita determinação, muita coragem...Mas se eu não fosse, não ia me sentir livre... E a coisa que eu mais prezo neste mundo é a minha liberdade...minha independencia...

VILLANOVA - É difícil a gente ser livre...

VILLANOVA está muito perturbado.

LUCIA - Há uma série de tabus , de convenções que a gente precisa desafiar...Ou não ? Uma JUIZA DE DIREITO tem que manter determinado padrão de comportamento...Muito bem, eu concordo... Mas que não me condenem por ir ao barzinho onde tocam o melhor piano do mundo ! (RI)

VILLANOVA - Você deve ir sempre que tiver vontade...Não importa o que as pessoas digam...

LUCIA - Que bom que o meu mestre pensa assim...(RI) Já me sinto mais fortalecida ! (RI)

VILLANOVA - Essa lição eu não posso dar na faculdade...

LUCIA - Se eu ficasse em casa ontem, eu ia me sufocar de ansiedade !

VILLANOVA - Acabou mesmo o seu "caso" com o Armando ?

LUCIA - Acabei...Não era mais possível continuar...

VILLANOVA - Um Juiz não deve ficar fazendo fofoca no tribunal, mas eu tenho que te dizer...(RI) Acho que voce fez bem, eu não sentia que voce estivesse apaixonada...

LUCIA - Gostei da sua sentença, mertíssimo.

Os dois riem.

VILLANOVA - O que não diriam se vissem dois juizes togados, fazendo fofoca em vez de discutirem seriamente seus processos no mais erudito latim!

~~VILLANOVA levanta-se da sua cadeira. Vai saindo.~~

~~VILLANOVA - A sociedade cria certos padrões de comportamento profissionais, verdadeiras camisas de força...Um Juiz tem que ser austero...~~

~~LUCIA - CARETA ! (RI)~~

VILLANOVA - ...perfeito, infalível...Eu também gostaria de poder romper com esses padrões...Pra mim é mais difícil, eu sou de outra geração...

VILLANOVA sai. LUCIA está mais animada.

CENA 19 - PISCINA CASA DE RENATO - CAROLINA - (EXT DIA)

RENATO dá um mergulho. De vez em quando gosta de fazer exercícios. Nada bastante

CORTE

CENA 20 - RENATO faz exercício em BARRA, pode ser em aparelho. EM SUA CASA.

CORTE

CENA 21 - RENATO pedala, transpira muito. EM SUA CASA

CORTE

CENA 22 - RENATO toma uma ducha fotíssima.

CORTE

CENA 23 - SALA DE ALMOÇO - COPA - CASA DE RENATO - CAROLINA - (INT DIA)

TABACO diante de CAROLINA: ela pode estar tomando o café da manhã.

TABACO - Não é muito que eu preciso, dona Carolina.

CAROLINA - Quanto ?

TABACO - 800 cruzados, adiantados...Um vale...

CAROLINA - Eu te arranjo.

TABACO - Muito obrigado...

TABACO sai feliz, cruzando com RENATO que entra já vestido para sair.

CAROLINA - Seu pai telefonou logo cedo.

RENATO - Por que ?

CAROLINA - Está preocupado com você...Disse que vai passar no escritório...

RENATO - Vai tomar meu tempo...

CAROLINA - Você não tem dado nenhuma atenção ao seu pai.

RENATO - Eu ando muito ocupado.

CAROLINA - Todos na família estão comentando que você está muito tenso.

RENATO - (ironia) Não tenho motivos, não é Carolina ?

CAROLINA - Ontem a Helena conseguiu uma colher de chá com você...

RENATO - Não foi uma conversa muito longa.

CAROLINA - Posso saber o que vocês conversaram ? Ou es-

CAROLINA - se assunto também não me diz respeito ?

RENATO - Expliquei a ela algumas coisas que ela precisava saber...

CAROLINA - Sobre a Maura...?

RENATO - E'.

CAROLINA - Vamos manter essa moça longe daqui, sinão vai complicar a nossa vida.

RENATO - Ela vai continuar na Itália...Se é isso que te preocupa, pode ficar tranquila...

CAROLINA - (Falsa) Ela não me preocupa...O que me preocupa é a interferencia de pessoas de fora, na MINHA família.

RENATO - Não vai haver interferencia.

CAROLINA levanta-se. Vai saindo.

CAROLINA - Adiante 800 cruzados ao Tabaco, ele está precisando.

CAROLINA sai.

CENA 24 - NUM CANTO DO JARDIM - CASA DE RENATO - CAROLINA - (EXT DIA)

TABACO dá um "amasso" em MARLENE:

TABACO - Descolei a grana !

MARLENE - Legal !

TABACO - A noite eu te pago...Mereço mais um beijo...

TABACO beija MARLENE

MARLENE - Você tem um fogo, hem ?

TABACO - Você não gosta, não ?

MARLENE - Você é demais, homem...

BUZINA

TABACO - Ihhhh...O Dr. Renato !

TABACO sai correndo, se compondo, MARLENE sai para outro lado.

CENA 25 - GARAGEM OU SAIDA DE CARRO - (EXT DIA)

~~TABACO ajeitando-se, aproxima-se rapidamente do carro, RENATO buzina e entra no banco de traz, tomando os jornais.~~

TABACO - Desculpa, Dr. Renato...Eu estava engraxando o sapato...

~~TABACO entra no carro, dá a partida e saem. RENATO lendo jornal.~~

CENA 26 - SALA DA CASA DE TELMA - (INT DIA)

TELMA menos tensa, já disposta a engrenar sua vida normal. Atravessa a sala , vai à biblioteca.

CENA 27 - BIBLIOTECA - (INT DIA)

TELMA ocnstata que a cadeira está vazia, JUNIOR não está lá. Sai.

CENA 28 - SALA DA CASA DE TELMA - (INT DIA)

TELMA vem da biblioteca, atravessa a sala e toma a direção da porta.

CENA 29 - EXTERIOR CASA DE TELMA - (EXT DIA)

TELMA sai e pára na saída ao ver, fora, na piscina, JUNIOR ao lado do DELEGADO.

Ela se detem um instante. Fica observando. NA PISCINA:

JUNIOR - Eu não aceito Dr. Noel...

DELEGADO - A perícia ainda não está terminada, mas até aqui, não há nenhum indício de violencia contra seu pai...

JUNIOR - Ele não cairia aqui....assim...de uma forma tão...ridícula...

DELEGADO - A autópsia constatou que ele havia ingerido muito álcool...Uisque...para ser mais preciso.

JUNIOR - Mesmo assim...Ele conhecia muito bem essa casa, para errar o caminho da entrada e cair na piscina...

DELEGADO - Há uma hipótese que está sendo considerada... De que ele...jogou-se na piscina.

JUNIOR - Jogou-se ? Isso é mais absurdo, ainda...

DELEGADO - Não falo em suicídio, mas...Uma espécie de delírio causado pelo excesso de álcool...Isso acontece...

JUNIOR - Meu pai sabia beber...

DELEGADO - A quantidade que ele bebeu, dá pra derrubar uma pessoa forte.

JUNIOR - Mesmo assim...

~~Na porta, TELMA perturbada, retira-se para:~~

CENA 30 - SALA DA CASA DE TELMA - (INT DIA)

TELMA vai rapidamente ao telefone e disca.

~~TELMA - Alô, por favor, eu quero falar com o Paulo.~~

TELMA - Dr. Paulo Costa...É Telma H. (agã) Rezende.

CENA 31 - SALA DE PAULO - CAMPANHA ELEITORAL - (INT DIA)

Cartazes, faixas, flâmulas, tudo relativo à campanha eleitoral de PAULO COSTA para Deputado Federal, pelo P.D.R (PARTIDO DEMOCRATICO RURALISTA - fictício) - Movimento de várias pessoas. Ao fundo ve-se ANSELMO com VERA. Uma SECRETARIA aproxima-se de PAULO que está sorrindo para seus correligionários:

PAULO - 350 votos em Cachoeira ! Otimo ! Conto com esses votos ! Muito obrigado... (Pode improvisar em volta da ideia)

PAULO abraça o líder do grupo. SECRETARIA aproxima-se dele:

SECRETARIA - Dr. Paulo...Telefone para o senhor. Dona Telma Rezende.

PAULO - Ah...obrigado...

PAULO vai ao telefone.

PAULO - Alô...Telma ? É Paulo...

ALTERNADAMENTE AO TELEFONE: Paulo e Telma (NA SALA DA CASA)

TELMA - Paulo, voce não pode imaginar o que o Junior está fazendo.

PAULO - O que ? O que é que ele está fazendo, agora?

TELMA - Ele chamou o delegado...E está conversando com ele na piscina...

PAULO - Os dois estão nadando ?

TELMA - Não Paulo...Estão conversando na beira da piscina...Eu não estou brincando...

PAULO - E daí, Telma ? Não há problema nenhum...Não há nenhum indício de violencia...Este foi o resultado da perícia policial...Fique fria... O importante é que ele volte logo pra Inglaterra...

TELMA - Ele me disse ontem que não vai voltar pra Inglaterra ?

PAULO - Ele disse isso ?

TELMA - Disse, Paulo...O que eu faço ?

JUNIOR entra com o DELEGADO

TELMA - Ele está entrando...Te ligo depois... (Desliga)

PAULO - Alô...alô...alô...(Um tempo, deliga)

ANSELMO aproxima-se com VERA

ANSELMO - Dr. Paulo ? Eu sou Anselmo Santos...

PAULO - (Sabe quem é) Ah...pois não...

ANSELMO - Essa é minha filha...

PAULO - Venha comigo...

PAULO leva ANSELMO e VERA para um setor da sala onde está mais vazio, mais calmo.

ANSELMO - O Dr. Mario deve ter falado com o senhor sobre a minha filha Vera.

VERA - Como vai o senhor ?

PAULO - Muito bem...Você está disposta a trabalhar na nossa campanha ?

VERA - Sim senhor...

PAULO - Ótimo...Ótimo...Vamos trabalhar juntos...Eu gosto de trabalhar com gente jovem...Pode ficar tranquilo, Anselmo...Sua filha está integrada na nossa equipe...

ANSELMO - Obrigado Dr. Paulo...Muito obrigado...

Camera em VERA

CENA 32 - SALA DA CASA DE TELMA - (INT DIA)

DELEGADO e JUNIOR aproximando-se de TELMA.

DELEGADO - Bom dia dona Telma,

TELMA - Bom dia, Dr. Noel,

DELEGADO - Posso tomar um pouco seu tempo ?

TELMA - Se não for muito tempo...

DELEGADO junto a TELMA. JUNIOR mais ao fundo

DELEGADO - O seu filho insiste em negar o resultado da perícia, baseado no conhecimento que tem do pai...Alem de conhecer bem a casa, o seu filho insiste que normalmente a bebida não conseguia perturbar o equilíbrio do Sr. Rezende e também que ele tinha muita intimidade com a piscina...nadava muito bem...O que a senhora tem a me dizer sobre isso ?

TELMA - Nada, Dr. Noel...Não consigo ainda formar uma opinião sobre o assunto...Se não foi um acidente, o que seria ?

DELEGADO - O seu filho disse que ele estava com sérios problemas no ambiente da empresa e também... em casa...

TELMA - Em casa, não...O que o Junior sabe disso ? Em casa nós estávamos muito bem...Muito bem...Com licença...este assunto me deixa...irritada...

TELMA sai. JUNIOR aproxima-se do DELEGADO

JUNIOR - Ela não estava bem com o meu pai...Não estava, Dr. Noel...Eles estavam se separando...

Camera no DELEGADO.

-----COMERCIAL-----

CENA 33 - ANTE SALA DE RENATO - ESCRITORIO - (INT DIA)

RENATO entra. DONA NAZARE sua SECRETARIA vem com notícias.

NAZARE - Bom dia Dr. Renato.

RENATO - Bom dia dona Nazare...

NAZARE - Seu pai está lá dentro...

RENATO já esperava e entra.

CENA 34 - SALA DE RENATO - ESCRITORIO - (INT DIA)

RENATO entra. ANTOINO está sentado em sua cadeira, na mesa.

RENATO - Bom dia papai.

ANTONIO - Bom dia Renato...Espero que voce possa me dar um pouco de atenção, agora...

RENATO - O que está te preocupando ?

ANTONIO - Será que eu tenho ou não tenho direito de ter um momento a sós com voce ?

RENATO - O tempo que você precisar.

ANTONIO - Ora até que enfim recebo um pouco de consideração ! Senta aqui no seu lugar, não quero essa cadeira, não...

RENATO - Fique aí.

ANTONIO levanta-se, RENATO senta-se na sua cadeira.

ANTONIO - Há uma coisa me preocupando seriamente...

ANTONIO - A morte do Rezende.

RENATO - Foi acidente. Não viu o laudo da perícia policial ? Acidente...Qual a dúvida papai ?

ANTONIO - Queira Deus que tenha sido mesmo um acidente.

Um tempo com RENATO que não sustenta ao olhar inquisitorial do pai que o encara firme.

ANTONIO - Há limites, Renato.

RENATO - O que o senhor quer dizer com isso ?

ANTONIO - Pouca gente consegue reunir o prestígio e o poder que você tem, meu filho...Pra conseguir chegar ao ponto que você chegou, foi preciso muita luta, muito trabalho, muita tenacidade, eu sei disso...Mas houve também muita mutreta.

RENATO - (Ri) Mutreta ?! Há muito tempo eu não escutava essa palavra.

ANTONIO - Você está me entendendo...Eu ganhei muito dinheiro, mas nem se compara ao que você conseguiu...Mas na minha história, não houve mutreta...Tudo que eu ganhei foi honestamente.

RENATO - Vamos ter agora uma lição de moral ?

ANTONIO - Por que não ? Se eu não te lembrar^{de} certos princípios, quem vai te chamar a atenção ? Você não ouve nem a mim...Há princípios, Renato! Há princípios a serem seguidos...

RENATO - Muito bem papai...Há princípios...O que mais?

ANTONIO se exaspera.

ANTONIO - Você está fazendo pouco das minhas palavras.

RENATO - Não, claro que não...

ANTONIO - Essa empresa de exportação...A ligação entre essa empresa e o banco inglês...Nisso tem muita mutreta...Desvio de dólares para o estrangeiro...Isso é mutreta !

Um tempo com RENATO

RENATO - Não há nada que possa provar irregularidades da nossa empresa de exportação.

ANTONIO - O Rezende sabia de tudo e estava ameaçando vo-

ANTONIO - cê e aquele inglês...o Benson...Você pensa que eu sou um velho tolo ? Você pensa que eu já morrí ? Não morrí ainda não, meu filho...E a minha cabeça ainda consegue entender os meandros dos seus negócios...Cuidado Renato... Quem está te alertando é seu pai...Esse governo que está aí, não está para brincadeira...

Um tempo com RENATO

RENATO - Está tudo sob controle...(Ainda frio)

ANTONIO - Tomara que esteja mesmo...Eu não quero ver o meu filho em complicações.

RENATO - Fica sossegado papai...O seu filho está muito bem...muito tranquilo.

ANTONIO - Queira Deus que a morte daquele homem, não esteja te pesando na consciência.

RENATO - (Firme) Não está !

ANTONIO vai indo para a porta

ANTONIO - Melhor...Vou te deixar trabalhar...(Saindo , depois volta) Eu ainda sou o seu pai...Se precisar se desabafar com alguém...Eu ainda sou o seu melhor amigo...

~~ANTONIO sai. Camera fecha devagar em RENATO. Não chegou a se emocionar.~~

CENA 35 - SALA DA CASA DE BENSON - (INT DIA)

BENSON reunido com MARIO. MULATA introduz PAULO.

PAULO - Desculpe se me atrasei...A campanha está começando a tomar todo o meu tempo...Como vai Mário ? Como vai Dr. Benson,

MARIO - Muito bem obrigado,

BENSON - Estávamos aqui conversando sobre o Renato... Você pode sair, menina...

~~A MULATA sai.~~

BENSON - Eu ando desconfiado até das paredes. Diga a ele , Mário...

MARIO - É o seguinte, Paulo...O Dr. Benson está preocupado com o Renato e...com razão...Eu também

- MARIO - ando com o pé atras...
- PAULO - Por que ?
- MARIO - O Renato tem aquele juiz nas mãos...Até aí muito bem...Ele está insistindo com o juiz para que destrua as provas contra o Dr.Benson...O Juiz está ainda resistindo, mas tudo leva a crer que ele vai acabar cedendo ao Renato...
- PAULO - Otimo.
- MARIO - Mas há uma coisa que nos preocupa...Nenhum de nós sabe, quais são os argumentos do Renato contra aquele Juiz...
- PAULO - Não...ele não conta...Ele sabe de alguma jogada da vida particular do Villanova, mas não conta pra ninguém...
- BENSON - É segredo do Renato até para conosco ! E isso é mal...
- PAULO - Você não confia no Renato ?
- BENSON - É o Renato que não confia em nós!...
- MARIO - Por que ele não conta tudo para nós ? Por que ele quer conduzir sozinho a controle sobre aquele juiz ?
- PAULO - Não sei...deve haver uma razão...Ele não quer dividir o segredo...para não enfraquecer o segredo...Eu confio no Renato, sinceramente, eu confio no Renato...
- MARIO - Eu também confio, em princípio...Mas há uma coisa que me perturba...Nesse momento todos nós estamos nas mãos do RENATO...

Um tempo com BENSON.

CENA 36 - SALA - ESCRITORIO RENATO - (INT DIA)

RENATO analisando um relatorio. Mesa praticamente vazia. Grandes empresarios têm tudo na cabeça, não enchem mesas. NAZARE entra:

NAZARE - O senhor me pediu que avisasse pessoalmente.

O Dr. Marcos Villanova está na linha "A"...

RENATO - Obrigado.

RENATO pega o telefone, tecla o "A". Olha para NAZARE como quem diz para ela se retirar. Basta o olhar e ela entende. Sai.

RENATO - Alô...Renato Viãna...

ALTERNADAMENTE AO TELEFONE: RENATO e VILLANOVA em um restaurante afastado da cidade.

VILLANOVA - Como vai Dr. Renato Viana.

RENATO - Muito bem Dr. Villanova.

VILLANOVA - Eu estou lhe falando de um restaurante muito agradável, aqui na (diz o nome, além da Barra) Seria possível termos uma conversa, aqui... agora ?

RENATO - Claro...Como não ? É um prazer...Vamos comer um peixe juntos...Me diz o nome do restaurante... (Anota) Muito bem...Em meia-hora eu estarei aí...

VILLANOVA - Estou esperando...O assunto é muito importante Até já...

Ambos desligam. Camera fecha em RENATO que está muito confiante. Já sente o sabor da vitória sobre o JUIZ.

FIM DO 5º CAPITULO.